

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

E

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga igreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 7

SUMMARIO

Duas palavras em memoria do Principe dos archeologos, pelo sr. S. P. M. Estacio da Veiga, pag. 97. — *Monographia da igreja Matriz da cidade de Lisboa*, pelo socio o Abade A. D. de Castro e Sousa, pag. 100. — *Materiaes para Construcções, Areia*, pelo socio J. P. N. da Silva, pag. 103. — *Alguns passos n'um labyrintho*, pelo socio correspondente o Dr. Filipe Augusto Simões, pag. 103. — *Architectura, do ensino para os noveis architectos*, pag. 109. — *Chronica*, pelo socio J. da Silva, pag. 110. — *Relatorio do Instituto dos architectos dos Estados-Unidos*, pag. 110. — *A redacção do jornal d'architectura, «la Revue Nouvelle de Paris» vai publicar a historia da fundação da nossa Real Associação, e os retratos dos membros da meza actual*, pag. 110. — *Descoberta de grutas em França, com esculpturas da idade de pedra polida*, pelo archeologo Mr. De Baye, pag. 111. — *Lapide com uma inscripção da era de 1091, depositada no museu do Carmo*, pelo socio correspondente o Dr. da Silva Motta, pag. 111. — *O jornal inglez d'architectura, descreve com grandes elogios o sarcophago que pertenceu a el-rei D. Fernando*, e está depositado no mesmo museu, pag. 111. — *Os fragmentos dos azulejos do antigo mostrador do relógio da igreja monumental de Belem*, pag. 111. — *Descoberta em Athenas d'uma construcção da época de Mithridates*, pag. 111. — *Em Paris e Bruxellas vão-se estabelecer exposições permanentes de amostras de materiaes*, pag. 111. — *Convite de Paris aos concorrentes do monumento de S. M. I. o Duque de Bragança*, pag. 111. — *Collecção dos moldes de medalhas portuguezas, das que existem no museu de Leyde; e das hollandezas do tempo do dominio no Brazil*, pag. 111. — *Nova invenção contra os incendios nas construcções*, pag. 112. — *Ordem de S. Thiago conferida ao habil artista da faca de matto*, pag. 112. — *Obras artisticas e scientificas offerecidas á nossa Real Associação*, pag. 112.

DUAS PALAVRAS

EM MEMORIA DO

PRINCIPE DOS ARCHEOLOGOS

A. DE CAUMONT

Elogio lido em sessão publica e solemne de 6 de Maio de 1875,
pelo antigo socio S. P. M. Estacio da Veiga

Um nome grandioso, o nome de uma das mais robustas celebridades d'este seculo, deixou de figurar na lista dos socios honorarios da *real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes*,¹ para ser

¹ Finou-se a 16 de abril de 1874. A ultima vez que nos escreveu foi em 5 de Janeiro do anno antecedente, e já com bastante custo, contendo em um bilhete de visita estas palavras: «Je suis bien touché de votre bon intérêt, et j'apprends avec joie la nouvelle destination dont vous avez été d'object.

«J'espère que le Bulletin sera repri par Mr. de Cugny, aujourd'hui directeur.

«Mr. d'abbé Le Petit est bien sensible à votre souvenir, et vous offre sa reconnaissance et ses vœux.

«Il support mieux ses 78 ans, que moi mes 70. Je vais toujours de plus mal en plus mal et ne quitte mon lit un instant que pour aller dans mon fauteuil. Agréez je vous prie mes vœux les plus sincères.»

Que apreciavel amigo!... Quanto sensivel foi para nós o seu passamento...

(J da S.)

inscripto entre aquelles que só a posteridade pôde com desassombrada justiça condignamente exaltar.

Este nome illustre, que nas altas regiões da sciencia revelou por mais de meio seculo uma privilegiada intelligencia,¹ uma inexcédível inergia de animo, um symbolo de vasta sabedoria, era o do sr. De Caumont, tão nobilitado logo pela gerarchia do berço, qual o fôra depois pela sublimidade de um espirito profundamente pensador desde as primeiras auroras da adolescencia até os extremos regelos da senectude.

Corria o segundo anno do presente seculo quando em 28 de agosto o sr. De Caumont honrou com o seu nascimento a famosa cidade franceza de Bayeux na provincia de Normandia. A nobreza do sangue e os

¹ Na introdução do dicionario de architectura de Mr. Viollet-le-Duc, avalia os servicos prestados á sciencia por Mr. De Caumont, reconhecendo ser o iniciador d'estes estudos no seu paiz, e por esta maneira se expressa: — «Já homens de espirito elevado haviam indicado a vereda para estes estudos, illustrados pelos trabalhos e a admiração dos nossos vinhos os inglezes, pensaram em classificar os monumentos por estylos e por épocas, não se fiavam já nos textos; sendo o maior numero d'elles erroneos; admittia-se uma classificação methodica, baseada sobre os proprios monumentos: os primeiros trabalhos da Mr. De Caumont os faziam sobresair dos caracteres bem distinctos entre as differentes épocas de architectura franceza do norte.»

(J. da S.)

primores da fortuna pareceriam então os unicos dons d'aquella existencia; mas acima de tudo isto despertára com elle nos regaços da vida o embryão de um genio agudamente perspicaz, fadado, como bem o parece, para atravessar a penumbra das noites mais remotas e descortinar ahi os proprios preliminares elementos das primevas gerações humanas.

Este astro da sciencia, que tanto allumiou a terra, precipitando a materia, em que reluzira, nos recessos da ultima abrigada, espargue ainda a mesma luz, brilha ainda hoje com o mesmo vigor, porque essa luz e esse brilho surgiram com o predestinado condão da perpetuidade.

Mal se podem aqui enumerar os serviços que a historia, a philosophia, outras sciencias, as artes e as letras, receberam d'aquelle portentoso engenho!

O sr. De Caumont, na quadra mais gentil da mocidade, quando o coração do mancebo procura no idealismo do sentimento poetico alimentar os sonhos e as esperanças de uma vida quasi illusoria, começou por denunciar um amplo espirito de observação, um talento positivo, uma predilecção irresistivel. Em vez de querer lograr os encantos que revestem os sarãos, os festins, e tantos outros agrados com que o podéra fascinar o esplendor da sua familia, de tudo isso se apartára, porque ás delicias do ocio preferira sempre as durezas do trabalho.

Na propria terra em que nascêra, achou o sr. De Caumont os primeiros incentivos para um estudo, que successivamente se foi tornando extensivo á sua provincia, á França inteira, á Allemanha, á Italia, á Inglaterra e á Hispanha.

Os monumentos architectonicos em toda a parte captivaram a sua attenção, o seu rigoroso exáme, os seus constantes cuidados.

A architectura e a archeologia, tão intimamente ligadas entre si em relação á primeira infancia das artes, ministraram ao sr. De Caumont os subsidios de que havia mister para poder formar um vasto e systematico plano de emprehendimentos de todo o ponto proficuos. Até onde havia algum signal de construcções monumentaes, chega afoutamente o atilado investigador; mas não pára ahi, porque em meio das camadas sedimentares da terra, onde jaziam as reliquias das gerações mais remotas, é que pretendêra chegar para d'esse ponto voltar aos tempos historicos e dividir em épocas distinctas a sua peregrina jornada.

Facil será presumir desde quando poderia o sr. De Caumont manifestar o fructo dos seus estudos archeologicos, sabendo-se que, tendo nascido em 1801, creára em 1823 a sociedade dos antiquarios de Normandia, sociedade desde então vigorosa e reconhecidamente utilissima, como um anno depois assáz o mostrou com o primeiro volume das suas publicações, onde o illustre fundador inicia o estudo respectivo á *architectura reli-*

giosa da idade media,¹ que mais de espaço profundamente desenvolve n'um livro de 800 paginas, que em 1869 contava já cinco reimpressões.²

Aos 28 annos abria este sabio em Caen um *curso de antiguidades monumentaes*, que algum tempo depois dividiu em seis volumes e um atlas; e deixou n'esta obra um thesouro de sciencia, uma escola fundamental de archeologia, e o melhor padrão para immortalisar a sua memoria.³

Este admiravel trabalho grangeou ao sr. De Caumont justa nomeada de consummado antiquario, a de orador fluente e de escriptor distincto. Por este modo patenteou elle um largo horisonte, até então nebuloso e indeciso, e ahi espargiu toda a luz da sua intelligencia, creando uma como escala chronologica para marcar a distancia relativa que separava os povos modernos de cada um d'aquelles, cuja apagada existencia podéra ser apreciada por seus dispersos vestigios.

Um plano de obra mais complexo e completo nunca se tinha emprehendido e realisado com tão certa mestria em relação á historia critica da arte antiga.

Logo após a formação da sociedade normanda,⁴ uma grande necessidade reconheceu este sabio, e era a da associação mais ampla possivel de todos os talentos e aptidões que isoladamente contemplavam as antigas grandezas da sua patria, geralmente mal estimadas, quasi esquecidas nos annaes da historia, desprezadas nos proprios logares que ennobreciam, e até votadas algumas vezes ao barbaro exterminio do camartello municipal.⁵

¹ Em 1853 Mr. De Montalembert dizia de Mr. De Caumont o seguinte: — «A equidade exige que nós tributemos uma homenagem merecida áquelles que foram os autores e os principaes promotores d'esta feliz regeneração da architectura da idade media... Mas, primeiro de tudo, vós prestareis hommenagem comigo a Mr. De Caumont, ao fundador de nossos congressos. Foi o primeiro, quando ainda estamos todos, alguns na infancia, outros na ignorancia, que fez reviver a arte da idade-media; elle tinha visto tudo, tudo estudado, advinhado tudo, e tudo descripto. Mais de uma vez viajou toda a França para salvar, o que podia ser salvado, a fim de descobrir, não sómente os monumentos, mas ainda, o que era mais raro, as pessoas que os podiam prezar, e comprehendê-los.»

² Abécédaire ou Rudiment d'Archéologie, — Architecture Religieuse — Caen, 1869.

³ Esta impressão principiou no fim do anno de 1830, e ficou concluida em 1841.

Pela publicação do primeiro tomo d'esta importantissima obra em 1831, na occasião do concurso das antiguidades nacionaes, obteve por este seu trabalho uma medalha de ouro; sendo depois em 1838, nomeado membro correspondente do Instituto de França pelas suas publicações archeologicas.

⁴ Tendo sido fundada em 1832, especialmente para favorecer na sua provincia o progresso agricola, o que causou um grande desenvolvimento, dividido á iniciativa de Mr. De Caumont.

⁵ N'uma circular do ministro do reino, o conde De Montalivet, exprimiam-se pela seguinte maneira: — «O culto das recordações que se ligam á historia das bellas-artes, ou dos annaes da nação é infelizmente muito desprezado nas provincias. Deixam-se no olvido monumentos magnificos, atravessa-se com indiferencia diante de vestigios que attestam a grandeza dos povos da antiguidade, procura-se debalde as casas onde nasceram os distinctos varões dos quaes a sua patria se gloria de lhes pertencer, ou os tumulos que encerram as suas cinzas, e todavia todas estas reliquias dos tempos passados fazem parte do patrimonio nacional e da gloria intellectual da França. É conveniente pôr termo a esta incuria.»

(J. da S.)

Esta idéa foi porventura a mais proveitosa, porque produziu em breve tempo todos os previstos resultados. Percorrendo a França inteira, o sr. De Caumont consegue arreigar nos seus concidadãos um culto patriótico com que supplança o desprezo e a indiferença a que se achavam condemnados os padrões monumentaes da nação; preside á instituição de sociedades e publicações periodicas, que hoje ainda subsistem no maior auge de prosperidade; sobranceiro ás acirradas e oppostas opiniões politicas, que traziam em constante apartamento os homens mais prestadios do regimen proscripto e das facções revolucionarias, prepara-lhes um campo neutro, onde não havia paixões nem malquerenças, mas um só estandarte arvorado por uma nova civilisação, por um novo progresso, uma só patria, um só pensamento, um assumpto altamente util e sympathico, como fôra «inventariar a riqueza architectonica e archeologica do paiz, promover a sua conservação e o seu estudo.»

À frente d'este movimento colloca-se sempre o infatigavel iniciador. Ao emprehender um reconhecimento geral na França, em toda a parte vai deixando ouvir a sua palavra auctorisada, em toda a parte desperta brios adormecidos, em toda a parte implanta o seu insinuante plano de trabalhos, recommendando o mais escrupuloso respeito pela conservação dos monumentos antigos; e onde acha devotados confrades para este apostolado, congrega-os em sociedade, ministra-lhes regras e programmas, e franqueia-lhes o caminho da sciencia com a mais suave amenidade, para que o instituto podesse corresponder aos seus dictames.

D'este modo não só a Normandia, celebre provincia do eminente archeologo, surge com a sociedade dos antiquarios, a sociedade linneana e com publicações preciosas; o mesmo succede n'outros departamentos, onde se formam associações, institutos, congressos scientificos e se organisam estudos de grande importancia, que a imprensa começa logo a popularisar com o applauso dos sabios e o acolhimento de todas as classes sociaes. O proprio governo, em fim, manda pelo ministerio da instrucção publica instaurar commissões archeologicas.¹ Tal era pois o grau de influencia que este alto espirito havia chegado a exercer em todos os espiritos!

Estava reconhecido o grande principio de associação, que a tudo isto tinha presidido, e sancionado com o mais brilhante dos triumphos.

O vandalismo official retrae os seus impetos de destruição; já respeita os carcomidos padrões que marcavam épocas de grandeza em meio dos despojos das gerações ignotas, e se alguma vez ousa querer commetter um attentado, acha diante de si a *sociedade franceza*

¹ Quando Mr. Guisot foi ministro do reino, recommendou aos Perfeitos a conservação dos monumentos nacionaes, e para os proteger organisou um serviço desempenhado por *inspectores de antiguidades*, tendo um chefe de intelligencia superior para dirigir os seus encargos, o qual foi o sabio archeologo Mr. Vitet.

(J. da S.)

para a conservação dos monumentos, criada pelo sr. De Caumont,¹ que lhe embarga o passo, reclama, protesta, e o faz recuar envergonhado.

N'este ultimo meio seculo popularisou-se a tal ponto em França o gosto pelos monumentos publicos, que o *Abécédaire ou Rudiment d'Archéologie* do sr. De Caumont passou a ser doutrina scientifica dos seminarios e collegios de educação para ambos os sexos. Ensinase ahi á mocidade estudiosa o que são e o que valem os monumentos; e o ditado do nosso immortal Camões «que quem não sabe a arte não a estima,» tornara-se assim um aphorismo universal.

As obras do sr. De Caumont, constituindo uma preciosa bibliotheca,² hão de em todos os tempos encaminhar e instruir os verdadeiros obreiros d'esta cruzada. Para todos os assumptos correlativos alli ha lição proficua, insinuada por um estilo fluente, por uma linguagem que captiva, por um methodo de exposição que tudo esclarece.

O *Abécédaire*, já citado, chegou ultimamente ás maiores proporções, dividindo em tres substanciosos volumes, o estudo da era gallo-romana, da architectura religiosa, e da architectura civil e militar.

A *Feuille des routes de Caen à Cherbourg*, a *Statistique monumentale de l'arrondissement du Royaume*, a *Statistique monumentale du Calvados*, em cinco volumes, e a *Statistique routière de la basse Normandie*, são obras que todo o archeologo hade necessariamente aproveitar, assim como não póde deixar de recorrer frequentes vezes ao *Bulletin monumental*, que já hoje conta 39 volumes,³ o qual o sr. De Caumont, seu fundador, quando ao mesmo tempo criou a *sociedade fran-*

¹ Como se nota n'este energio appello que Mr. De Caumont dirigiu aos seus collegas: «Não obstante os esforços de todos os homens illustrados que presam as bellas-artes, o vandalismo continua a exercer as suas destruições, e de todos os lados consterna o espectáculo das ruinas que ferem a nossa vista. Com o intuito de conservar os nossos monumentos nacionaes, o governo vem de formar uma commissão composta de pessoas competentes para vi-giar, em proveito da architectura, a sua conservação.

Todavia, não se deve dissimular, que na época actual exige a reunião de todos os esforços individuaes para reagir contra o vandalismo; não basta sómente estarem alguns homens influentes encarregados de proteger sobre o seu esclarecido patriotismo os nossos antigos edificios, é tambem urgente que a população illustrada de todo o reino se opponha ás destruições que desolam as nossas provincias.»

² Damos aqui em resumo o numero d'essas obras, e o titulo das diferentes materias com que este infatigavel sabio dotou o mundo:

<i>Sciencias naturaes e agricolas</i>	18
<i>Historia</i>	60
<i>Noticias necreologicas</i>	48
<i>Publicações periodicas</i>	9

³ Este eminente archeologo no fim do anno de 1872, vencido pelos seus graves padecimentos, renuncia a com pezar não poder continuar a dirigir esta publicação e forçoso foi despedir-se dos seus numerosos leitores, fazendo-o n'estes termos: «Quando eu dei em 1868 a minha demissão de Director da Associação Normanda e aquella dos congressos das socieades dos sabios em Paris, em 1870, eu sentia já diminuir-se as minhas forças. Agora, é preciso me demittir de tudo. Haveria cobardia em conservar obrigações que não se podem por mais tempo preencher regularmente.»

Mr. De Robillard De Beaurepaire no opusculo que deu á luz

ceza de archeologia, quiz que lhe sobrevivesse, deixando um legado, cujo rendimento deve empregar-se na sua publicação; e esta sociedade, que tanto lhe deve, de tal arte se propoz honrar o seu instituidor, que deliberou, em sua memoria, mandar cunhar uma medalha para premiar os auctores dos mais importantes descobrimentos e dos trabalhos archeologicos mais eminentes.

Felizmente, um publico testemunho de gratidão vai dar-se em breve tempo á memoria d'este sabio, erigindo-se na terra do seu nascimento uma estatua,¹ cujo marmore foi afferecido pelo governo francez, e para a qual só nos consta que concorresse em Portugal o nosso distincto architecto e presidente o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva.² Em Caen já o museu da sociedade archeologica possui o busto do sr. De Caumont, e no museu de Lisboa foi inaugurado o seu retrato na sala das sessões, o qual é reproduzido agora no nosso Boletim.

Não é, finalmente, em tão curto espaço que poderamos relatar os serviços que a archeologia europêa ficou devendo ao sabio mestre dos archeologos. Muito fica por dizer. Estas breves palavras significam apenas um preito de homenagem dedicado á memoria de um grande homem que se dignou honrar a nossa associação, inscrevendo n'ella o seu nome.

com o titulo — *Mr. De Caumont sa vie et ses œuvres* — a pag. 44, julga com bastante fundamento a mortificação que esta vasta intelligencia teria, vendo-se impossibilitado de não lhe dar o aturado exercicio que tanto deleitava a sua util existencia; fazendo este juizo: «Desde muito tempo, soudava na morte a hora do seu descanso. Assistir na vida como mero espectador, era para esta organização superabundante o supplicio mais atroz, o soffrimento o mais penoso.

(J. da S.)

¹ Em data de 23 de Junho de 1873 nos respondia o director actual da sociedade franceza d'archeologia Mr. De Cougny por este modo: — «J'ai communiqué votre bonne et bienveillante lettre, au conseil administratif de notre Société, lors du congrès que nous venons de tenir à Chateauroux. Tous mes collègues m'ont chargé de vous exprimer leur reconnaissance pour vos offres généreuses, et pour les sentiments élevés qui les ont dictés.»

Pour le moment nous avons décidé qu'une médaille à l'effigie de Mr. De Caumont, serait donnée chaque année à l'auteur du meilleur ouvrage archéologique.»

Em 14 de fevereiro de 1874 (oito mezes depois da nossa proposta,) a Sociedade de Agricultura, Sciencias e Artes de Bayeux, decidiu erigir a Mr. De Caumont, uma estatua na cidade da sua naturalidade.

(J. da S.)

² No 7.º n.º do vol. 40 do Boletim monumental da sociedade franceza d'archeologia, a pag. 684, publicou Mr. De Cougny, o seguinte:

«En m'envoyant sa généreuse souscription pour le monument de Mr. De Caumont, M. J. da S. me dit qu'il est persuadé qu'un grand nombre d'archéologues étrangers voudront, comme lui, concourir à l'érection de ce monument, et payer ainsi une dette de reconnaissance à la mémoire du savant illustre qui a tant fait pour le progrès de la science et pour la conservation des monuments antiques.» *Mr. De Caumont*, ajoute M. J. da Silva, *n'appartint pas seulement à la France, mais encore à toute l'Europe civilisée.*»

(J. da S.)

¹ Havendo nós proposto então ao Conselho de se executar um monumento á memoria de Mr. De Caumont, erigindo-se-lhe uma estatua.

MONOGRAPHIA

DA

EGREJA MATRIZ DA CIDADE DE LISBOA

PELO SOCIO

O ABBADE ANTONIO DAMASO DE CASTRO E SOUSA

(Continuado da n.º 6 pag. 92)

Capella-Mór

Tumulo d'El-Rei D. Affonso IV. Por cima d'este tumulo estão as armas reaes, e por *empresa*, no remate, uma aguia com este mote:

Altiora peto; com o epitaphio seguinte:

«*Alphonsus Nomine Quartus, Ordine septimus Portugalie Rex, obiit XXVIII Maii MCCCCLVII.*

Priori Tumulo terræmotu everso. Huc translatus MDCCLXXXI.

No Túmulo da Rainha D. Beatriz, tem sobrepostas as armas reaes de Portugal e Castella, por timbre uma phenix, e o epitaphio:

Beatrix Portugalie Regina, Alphonsi Quarti Uxor, Obiit die XXV. Octobris Anno MCCCCL. Priori Tumulo terræmotu everso Huc translata MDCCLXXXI.»

Estes dois tumulos, antes do terremoto de 1755, estavam após um do outro, e n'elles se lia unicamente:

«*Alphonsus Nomine Quartus Ordine septimus Portugalie Rex.*»

Beatrix Portugalie Regina, Alphonsi Quarto Uxor.»

Cobria estes tumulos, a figura de um anjo com a trombeta, *unico despojo*, que D. Affonso IV acceitara da Batalha do Salado, com os versos seguintes:

Hæc tuba, quam Mauris Alphonsus Nomine Quartus.

Abstulit, ut Fama primus in Orbe foret; Dum resonat Regem, par tumque a Rege triumphum.

Attamen Alphonsum surgere voce jubet.

Na mesma Capella-Mór

«N'esta sepultura está o corpo de Dom Jorge de Almeida, Arcebispo d'esta cidade, Inquisidor geral n'estes reinos, e Commendatario perpetuo do mosteiro de Alcobaca: falleceu de idade de LIIIL annos, a XX dias de Março de MDLXXXV.»

N'esta sepultura está enterrado o corpo de Dom Affonso Furtado de Mendonça que foi Deam d'esta Sé, Reytor da Universidade de Coimbra, conselheiro do conselho do Estado de Madrid, Presidente da Meza da

Consciencia e Ordens, Bispo da Guarda, Bispo Conde, Arcebispo de Lisboa, e Governador d'estes Reinos.

Falleceu aos III dias do mez de Junho de MDCXXX, de idade de setenta años.

N'esta sepultura foi enterrado o corpo de Dom Fernando, filho de Dom Affonso 1.º

Conde de Penella. Foy Arcebispo d'esta cidade e capellam mór d'el-Rei Dom Manoel e del-Rey Dom João seu filho, del-Rei Dom Sebastião nosso senhor. Faleceu de 80 e 3 annos e meio, aos VII de Janeiro de MDLXIII.

Aqui já o R.^{do} D. Martinho da Costa Arcebispo que foi de Lisboa, o primeiro d'este nome, o qual vindo de Saboia, onde havia deixado a Infante faleceu em Gibraltar, e foi trasladado por Christovão da Costa

Thesoureiro Mór desta Sé, seu sobrinho. Era MDLVIII.

E faleceu em Novembro de MDXXI

«*D. Matheus Ullixb, Episcopus Héc jacet, qui Regnante Alphonso III á Mauris Alcacerem Salis eripuit an. MCCLV.*»

«*Jacet in domine reverendus Jus Christo Pater Dominus Fernandus Episcopus Ulyabonensis.*»

Capella de Nossa Senhora da Piedade da terra solta. Na campa da sepultura do Arcebispo:

D. Luiz de Souza, só houve por epitaphio; como elle ordenara:

«*Sub Tuum Presidium.*»

Na capella de S. Sebastião n'um pequeno tumulo em pedra se lê:

Aqui jaz D. João 1.º
Arcebispo de Lisboa
pasou a 5 de Maio
da Era 1440.

Antes da reforma d'esta capella pelo conego Pedro Lourenço de Tavora, estava o tumulo d'este Arcebispo, D. João Annes, sobre 4 grandes leões de pedra, e tinha o seguinte epitaphio:

«*Aqui jaz D. João 1.º Arcebispo de Lisboa, Passou a III de Março. Era de MCCCCXL Governou esta Igreja XVIII annos e dez mez sendo summo pontifice.*

Urbano VI e Bonifacio IX. Rey de Portugal
Dom João o 1.º de Boa Memoria.»

Na Capella do Santissimo

«*Aqui jaz o Reverendo o senhor Bispo Padre e senhor D. o Pedro Arcebispo que foi desta cidade, neto de D. o Anrique Rey de Castella, cuja alma traga. O qual se finou a XII de Agosto de MCCCCLII annos.*»

Junto ao Guarda avento, em campa raza:

D. Miguel de Castro,

Arcebispo que foi de Lisboa, se mandou enterrar n'este logar. Pede-lhe lancem agua benta, e lhe rezem hum P. N. e uma Ave Maria.

Falleceu no 1.º de Junho de 1625.

Junto da parte travessa do lado occidental:

D. Rodrigo da Cunha,

Pay da Patria,

Collega do Collegio Real,

Doutor nos sagrados Canones

Escritor insigne,

Inquisidor,

Bispo de Portugal, e do Porto Arcebispo Primaz e de Lisboa, Cardeal Nomeado;

(Que não acceitou por libertar a Patria)

Governador do Reino,

Conselheiro do Estado.

Faleceu em 5 de Janeiro de 1645.

Da idade 65 annos.

Trasladou-se Anno 1702 por D. Pedro

Alvaro da Cunha.

Trinchante Mór de Sua Magestade.

Pede-se um Padre Nosso e uma Ave Maria.

Primeira sepultura raza ao entrar na Igreja.

«*Aqui foi enterrado Antonio de Barros Prôto.*

Notiario Primeiro Cubiculario Apostolico,

Arcipreste de Braga, Conigo que foi d'esta

See, Familiar que foi do Papa Clemente 2.º

Camarario do Papa Paulo 5.º

Viveu 60 annos. Faleceu a 5 de Agosto de 1554 annos.»

«*Jáz aqui tambem Pedro Rodrigues Barros Barros, Conigo que foi d'esta See, seu sobrinho.*

Morreu de 54 annos a 10 de Março de 1561 annos.»

«*Paulo Penosa de Barros, Chantre, e Conigo que foi d'esta See, seu sobrinho se mandou tão tambem aqui enterar.*

Faleceu de 56 annos. 10 mezes, e 12 dias aos 10 de Agosto de 1524 annos.»

Na Capella de S. Bartholomeu, a primeira ao lado esquerdo da entrada da igreja n'um grande tumulo de pedra, no mesmo, em lettra oucial:

Aqui já Bartholomeu Joanes. Cidadão que foi de Lisboa. Passou aos XXX dias de Novembro. Era MCCCLXII.

Na Capella do S.^{mo}

«*Esta sepultura hé de Felipe Jacome.*

Pagem que foi do Arcebispo Dõ Miguel do

Castro, que sem nascimento, lettras nem virtudes é conego n'esta mesma See e Tisareino mór d'ella. E não contente com isto, quer depois de morte estar ombro por outro cô. hu Arcebispo neto de dois Reis. E o Arcebispo seu senhor mandou-se enterrar á porta da mesma See, e ahi está.»

No Cruseiro junto á Capella-Mór

«Aqui jaz Diogo de Govea, Doutor em Sacra Theologia, Reytor que foi da universidade de Paris, e Conego d'esta See. Alcançou e serviu cinco Reys de Portugal, e com 4 de França tratou, e negociou para bem d'esta Coroa e Reino. Faleceu a VIII de Dezembro de MDLVII.»

«Aqui jaz Bartholomeu da Costa, Thesoureiro e Conego que foi n'esta See por espaço de XX annos, V mezes e VII dias, Varão insigne em virtude, raro em desprezo de si e do mundo, e caridade com os pobres.

Em sua morte foi d'este povo aclamado por Santo.
F. a 27 de Março 1608 da idade de 55 anos.»

Junto á capella de S. Aleixo:

«O Doctor de Moncaou pide de lismsua un Pater noster.

F. a XX de Março MDLXXV. (O D.^{or} Francisco Moncaou.) (Natural de Madrid, Cathedratico de Prima na Universidade. Lisboa e de Coimbra, Capellão e Pregador dos Reis de D. João 3.^o e D. Sebastião, e Conego Magistral d'esta Sé:)

No meio da Sachristia

«Aqui jáz o corpo
do D.^{or} Pantelêão
Roiz. Pacheco que
foi Conego d'esta
S.^{ta} Sé de Lisboa. Faleceu aos trint
a dias do mez de
Dezembro de 1667

Capella de S. Miguel, em uma pedra mettida na parede, com letra allemã majuscula:

Aqui jaz P.^o V.^o clerigo de mui nobre senhor.
Infanta Dona Branca filha do mui nobre Rey
Dõ Alfoso e senhora das Olgas o qual P.^o V.^o foi
Mestre Escola do Porto e Conigo de Lisboa que mandou fazer st^o capella ao serviço de Deos e da virgem S.^a Maria

e a oura da S.^{ta} Cruz a qual capella e cabido da See ademanter para
sempre quatro capellãs que cantem na dita capella

e pela alma da dita Infanta e de Dona Beatriz Alfoso Novaes e por P.^o V.^o

Estas quatro misas au de seer a hua
do dia com commemoração de S.^{sa} Maria e as tres misas de requem as duas
com commemoraçon da cruz e ao sabado
misa d S.^{ta} Maria cãtado e que roga a Deus
em estas misas por el-Rei de Portugal e pela Rainha e seus filhos

e un a fazer trez aniversários por sua alma o primeiro o dia que foi soterado XXX dias de Dezembro e o outro dia de S.^{ta} maria de Agosto e ou outro tres dias de Novembro e au de mantes a capella de vestimentas e de azeite.

e das cousas que
houver mister. E para cumprir todas estas cousas leixou ao cabidoo a quantiãa Mapapã
que e en Torres vedras como mais compridamente e contendo no compromisso que o Cabidoo tem
P.^o V.^o passou dia de S. Nicolaaõ VX dias de Dezembro. Era MCCCXLVI. XX.»

(Anno de Christo 1508) cada duas linhas d'esta copia fazem uma na pedra, 10 linhas.

Na capella-mór em gothico

Aqui jaz o mui Souza
do; baroudamele... cano
nigo: d'esta see:...
Era M: IIII:=(A. C) 1562.

A entrada da porta da aula:

«Hie jacet Rodericus Galeni Presbiter
optimo viro hujus Ecclesie Portionarius.
Era MCCCCLI.»

Na capella de S. Sebastião

Jás o Conego Antonio Tavares de Tavora, que tem por epitaphio uma Bulla que o declara sem culpa.

Capella de S. Cosme e Damião, n'um tumulo, em letra gothica.

«Aqui jáz Pero Esteves de Veer Escrivão do conde D. Martins Gil,
e morreu seis dias andados de Março
Era de mil duzentos e quarenta e sete.»

«Santo Alx.^o
Esta sepultura he de
Ines Eanes: sobrinha de Veete Roiz
Valbo.»

«Aqui jaz
«Conde D. Pedro
«filho d'el-Rei D. Diniz.

No angulo do cunhal do lado direito a quem vai da Igreja para a Charola.

Esta sepultura é de Manoel Freire criado de Borba e caval.^{ro} da casa d'el-Rey andou muito tempo em Africa na guerra dos mouros e se viu em muitas cousas e por ser serviço de D.^s veio morrer n'estas capelas d'el-Rey do A.^o na Sé de Lisboa Era 1525.»

«No cunhal do lado opposto.
V.^o Añes: T.^{am} e:
Vasalo: del
Rei.»

Na charola, junto da capella de St.^o Aleixo, n'uma pequena pedra mettida na parede, em muito má letra oucial, se lê.

«Aqui jaz: P.^r Mrs: da: Alfama: que: foi:
Almoxarife: de: Lisboa: e: passou: V: dias: andadas. d: Junho: E. M: CCC: LI: annos: e: mandou: Jãs: dous: cruseiros: da: erança: dante: si: por: sa: alma: cuja: alma: jasco: cõ: Os: ameu.»

Nas costas da capella S S.^{mo}, começo da charola em campa raza:

«Aqui jaz Lopo Fernando Pacheco, senhor de Ferreira Mordomo Mór, do infante D. Pedro, Chancellor da Rainha D. Beatriz. Foi feitura d'El-Rei D. Afonso IV a quem acompanhou em a batalha que teve com o Rey de Granada, e este passou a el-Rei D. Afonso de Castella, quando o Rei Poelamorin estava sobre Tarifa em a erp de MCCCLXXVIII.

Ao qual Lopo Fernandes Pacheco, em Avinhão com grande honra lhe foi dada pelo Papa Benedicto uma rosa de ouro.

E foi cazado com D. Brazelia Sanches da Villa Lobos, e está enterrado n'este sepulcro, em XXII de Dezembro da era de MCDCLXXXVI.» (Anno de Cristo 1548.)

(Continua)

MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES

Arcia

Depende a duração das edificações mui principalmente da boa escolha dos materiaes n'ellas empregados, e sobretudo nas obras de alvenaria, da qualidade superior das argamassas, sendo necessario para lhes dar maior ou menor consistencia a excellencia da areia, que devendo ser como *triturada* com a cal, e não mal envolvida conforme o costume moderno, lhe augmenta a força cohesiva, e é do que depende a maxima dura-

ção que nos mostram ainda hoje as mais antigas construções.

Já Vitruvio no Cap. IV do livro II — *De arenâ et ejus generibus*, — trata da areia e das suas especies, e aconselha o cuidado que se deve ter na escolha das suas variedades, e a preferencia que se lhe dará para determinadas obras.

Os mais habéis architectos da renascença, tanto os italianos como os francezes, confirmaram a opinião do celebre architecto romano, concordando todos, que a areia extraida *das recentes excavações das barreiras*, é que compõe a melhor argamassa.

Existem tantas qualidades quantas são as especies que ha de pedras; havendo areia vitrosas, quartosas, calcarias e argilosas; sem incluir a areia metallicas das quaes não nos devemos occupar n'este caso.

Distingue-se tambem a areia pelos logares d'onde se extrahe, pois ha areia de barranceira, do rio e do mar: bem como pelas suas côres, havendo areia brancas, vermelhas, amarellas, escuras, negras e esverdinhas.

Nas construções executadas em Lisboa tem-se dado a preferencia á areia da barranceira da Real Propriedade do Alfeite, como na verdade é a melhor de todas que ha n'estas immediações; todavia os constructores estavam na persuasão que n'aquelle sitio havia sómente duas qualidades de areia, a *amarella* e a *vermelha*. Foi preciso entrar para o almoxarifado do Alfeite um homem illustrado pelos seus conhecimentos, e zeloso pelo cumprimento dos seus deveres, para obter não só grande desenvolvimento na agricultura e augmentar os rendimentos d'aquella fazenda; assim como desejoso de enriquecer mais a collecção dos materiaes da capital (com a sua laboriosa e reflectida sollicitude) descobrindo doze differentes qualidades de areia reunidas n'aquella propriedade, o que deverá surprehender a todos, pois que nós mesmos architectos ignoravamos a existencia ali de tantas variedades d'um material tão necessario e procurado para serem vantajosamente applicadas nas obras d'esta populosa cidade: portanto os nossos confrades verão pela copia do officio que o Ill.^{mo} Sr. Almoxarife José Augusto de Souza, pessoa bastante conhecida no mundo illustrado pelos seus trabalhos scientificos, remetteu á Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes, acompanhado de uma collecção de doze differentes amostras de areia e um mappa explicativo. O Conselho Facultativo na sua reunião de 5 de Agosto deliberou fosse isto publicado no nosso Boletim, afim dos architectos ficarem informados a respeito de tão importante objecto, assim como se fazer publico o nome de cavalheiro tão merecedor pelo relevante serviço que prestou aos constructores civis e aos proprietarios proporcionando-lhes o meio mais seguro e efficaz de se evitarem os inconvenientes causados pela antiga rotina de se fornecerem

das *estancias*, e dando-lhes conhecimento de outras qualidades de areia, havendo-as tão proximo da cidade, e todas tão uteis para se executarem esmeradas e solidas construcções.

Ill.^{mo} é Ex.^{mo} Sr. — Parecendo-me do interesse da Real Associação dos architectos civis portuguezes possuir uma collecção de todas as qualidades de areia que a barreira d'esta Real Propriedade do Alfeite possui, em circumstancias de com a maior facilidade ser transportada em grandes quantidades para Lisboa, e que tambem pela sua variedade pode ter applicações diversas, tenho a honra de apresentar a V. a mencionada collecção que ainda poderá servir para nas construcções importantes se aferir a que é fornecida pelo commercio, que, como se sabe,

fica irresponsavel pelas consequencias resultantes da areia salgada com a da barreira que só e exclusivamente se deve adoptar na construcção de predios — A V. não preciso lembrar o que seria de uma casa destinada a uma bibliotheca, a uma collecção de objectos de physica e ainda a levar do futuro os frescos de uma sala que o genio de um artista eximio tivesse a phantasia de decorar. — Emfim V. melhor do que eu, conhece a conveniencia que ha no emprego da areia da barreira sem mistura nas construcções urbanas. — Acompanham os doze specimens de areia que remetto um indice de qualidades e sua applicação. — Deus guarde a V. Almojarifado do Alfeite, 13 de Julho de 1875 = Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Presidente da Real Associação dos Architectos Civis Portuguezes — O Almojarife — José Antonio de Sousa.

Qualidades de areia da barreira das Reaes Propriedades do Alfeite e seu emprego

Numero	Qualidades	Designação	Applicações
1	1. ^a	Areia encarnada.	Esta areia é a mais solida para o emprego dos estuques, mas não se tem empregado por carecer de aguadas para a branquecer.
2	2. ^a		
3	1. ^a	Areia de estuque.	A 1. ^a menos pura no estuque das frentes; para trabalhos exteriores — a 2. ^a para os esboços de estuques interiores, para substituir a areia do Rio Secco; é mais escura e tem tanta ou mais consistencia.
5	1. ^a	Areia russa.....	A 1. ^a é argilosa branca: empregada pela Companhia das Aguas nas obras hydraulicas — a 2. ^a é argilosa amarella — a mais conveniente nas boas obras.
7	1. ^a	Areia vermelha...	(traçada) Emprega-se nos muros, nos fundamentos, tambem em paredes interiores para fugir ao emprego de maior quantidade de cal.
8	1. ^a	Areia branca.....	(traçada) Serve só ou com pouca areia vermelha para trabalhos: diz-se que esta areia cria menos herva porque tem menos argila ferruginosa, mas carece do emprego de mais cal.
12	1. ^a	Areia da praia...	Quartzosa grosseira, muito privada da materia argilosa pela lavagem: emprega-se nas obras de caes, ou em obras hydraulicas nas quaes a areia que é incrustada d'argila não prende com o cimento.

Ficam pois expostas estas amostras de areia no museu do Carmo, na 5.^a capella do lado do sul, onde estão as amostras dos outros materiaes do reino; afim de serem examinadas pelas pessoas a quem convier.

J. da S.

ALGUNS PASSOS N'UM LABYRINTHO

Se Coimbra foi povoação romana e que nome teve

I

A maior parte dos auctores que escreveram das origens de Coimbra disputaram entre Hercules e Ataces a gloria da sua fundação. Os partidarios do primeiro allegavam a torre do castello, construcção que já no seculo XVI effectivamente chamavam *Torre de Hercules*.¹ Houve até quem lesse na lapide commemorativa: — *Herculea manu fundata*. Mas a inscripção não contem taes palavras; muito pelo contrario diz ter sido a torre construida por ordem d'el rei D. Sancho I.² Aquelles que se inclinavam á parte de Ataces argumentavam com a relação de Fr. Bernardo de Brito, e com as duas cartas comprovativas que elle dizia guardadas no archivo de Alcobaca. Eis aqui em poucas palavras a historia da fundação de Coimbra, segundo o chronista de Cister:

« Pelos annos de 409 da nossa era, Ataces, rei dos Alanos, tomou a Hermenerico, rei dos Suevos, a cidade de Conimbriga que destruiu e arrasou na forma que ainda hoje mostram as ruínas existentes no lugar de Condeixa a Velha; e veio á margem direita do Mondego, em duas leguas de distancia, fundar uma nova cidade, á qual poz o mesmo nome d'aquella que destruiu. Sabendo isto Hermenerico, aproxima-se com um exercito, e offerece batalha ao seu inimigo Ataces, que o derrota e põe em fuga e persegue até ás margens do Douro. Hermenerico implora a paz do vencedor e offerece em troca sua filha Cindazunda. Ataces aceita a proposta, casa com Cindazunda, e n'este casamento se firma a reconciliação dos dois contendores. Tal foi a origem do brazão de Coimbra.»

Ficou em tradição a historia, repetida pelos escriptores, ainda depois de ter affirmado o auctor do Elucidario (verb. *Cruz*, pag. 329)² que as cartas allegadas por Brito haviam sido escriptas pela mão que forjara o celebre *Juramento d'el-rei D. Affonso Henriques*, e o fragmento do concilio bracarense, denominado *anteprimeiro*. Por outra parte Fr. Joaquim de Santo Agostinho demonstrou, pelo exame que fez dos manuscritos, a sua falsidade.³

Pedro de Mariz nos *Dialogos de varia historia* attribue claramente á invenção de Fr. Bernardo de Brito a historia de Ataces, Hermenerico e Cindazunda. Gaspar Barreiros, que escreveu antecedentemente, mencionando na *Chorographia* a opinião vulgar da mudança do sitio

de Condeixa a Velha para a margem do Mondego, parece não ter essa opinião em grande conta, e não proferiu uma só palavra com relação aos personagens de Brito. Sá de Miranda, Gil Vicente, Ignacio de Moraes, Miguel Leitão d'Andrade,¹ poetas que fingiram de Coimbra origens fabulosas, e que escreveram tambem antes do monge cisterciense, não alludem, nem de longe, ao que este conta na sua *Monarchia Lusitana*.

Pelo contrario poetas e prosadores que escreveram depois, Vasco Mousinho de Quebedo, D. José Barbosa, J. C. da M. e B. de Alvim Pinto,² Antonio Carvalho da Costa, Antonio Coelho Gascão, Bernardo de Brito Botelho,³ etc., parece comprazerem-se em repetir a invenção de Fr. Bernardo de Brito.

Admittida commummente a fundação de Coimbra por Ataces, não é para estranhar que tantos escriptores se refugassem a acreditar que no sitio d'esta cidade houvesse outr'ora uma povoação romana. Ainda modernamente o sr. Hubner, se bem que se inclina a crer que a actual Coimbra fosse a antiga Eminio, não pôde explicar a origem das lapides romanas, que encontrou no pateo da Universidade, senão suppondo que teriam sido descobertas nas ruínas de Condeixa a Velha! Ora todas estas lapides romanas foram desenterradas em Coimbra. As tres seguintes appareceram em 1773 junto ao alicerce do terreiro do antigo castello de Coimbra:

CHRYSYS SIBI

POSVIT

VXORI. ET. MODES

F. MATRI. F. C.

S. T. T. L.

¹ Obras tom. I *Fabula do Mondego*. Obras tom. II *Comedia sobre a divisa da cidade de Coimbra*. Conimbricæ Encomium, 1553. Miscellania.

² Affonso Africano, cant. III. *Archiatheum Lusitanum*. Joannida, cant. III.

³ *Corographia Portugueza* tom, II pag. 6. *Conquista, antiguidade e nobreza da mui insigne e inclita cidade de Coimbra*, pag 42. *Historia breve de Coimbra*.

¹ Indices e summarios dos livros e documentos mais antigos e importantes do archivo municipal de Coimbra, pag 166.

² Veja-se a lição de J. P. Ribeiro no tom. I das *Dissert. Chronologicas* do sr. J. C. Ayres de Campos no tom. X do *Instituto*, pag. 216.

³ *Memorias de litteratura portugueza*, tom. V.

D. M. S.

AVRELIO. RVFINO

ANN. XVII.

AVRELIUS. MVSAEVS

FILIO PISSIMO. F. C.

A segunda está mutilada ; falta-lhe a primeira linha. No mesmo sitio appareceu ainda um pequeno fragmento de outra lapide com os restos de uma inscripção. No anno seguinte de 1774 appareceram tambem, juncto do castello, nas ruinas da Couraça de Lisboa dois cippos com estes letreiros :

CAESAR. DIVI.

... VG. PRON. AVG.

... ONT. MAX. TRIB.

... T. III. COS. DESIG.

P. P.

M. III.

D. M. S.

C. IVLI

MATERNI

ANN. LXIII.

BOVIA. MA

TERNA. ET

IVLIA. MA

XIMA. PATRI

PISSIMO

F. C.

CVRANT. . .

IVLIO DEXT

TRO LIBER

TO OBMERI

TA PATRONI

As tres primeiras d'estas lapides são sepulchraes, e não conteem nada notavel, excepto a segunda em cuja parte superior se vê uma cavidade oblonga, cuja tampa falta com a primeira linha da inscripção, que n'ella estava. A penultima é um marco milliario mutilado. A sua inscripção é semelhante á d'est'outro marco milliario, tambem mutilado, que appareceu na Mealhada :

... SAR DIVI

... RON AVG

... MAX TRIB

... COS DESI. . .

P. P.

XII

A inscripção deveria dizer : — *Caesar, Divi Avgsti Pronepos Avgstus, Pontifex Maximus, Tribunitia Potestate tertium, Consul Designatus, Pater Patriae. Millia Qatar.* E no marco da Mealhada : — *Millia Dodecim.* Em ambos ha uma falta importante qual é o nome da terra d'onde se contavam quatro milhas no primeiro, e doze milhas no segundo. Estas doze milhas correspondem talvez á extensão da estrada romana comprehendida entre os sitios de Coimbra e da Mealhada. O imperador *Augusti Pronepos* é Caligula.

A ultima inscripção é sepulchral. Tem molduras e ornatos nas faces anteriores e lateraes. A parte superior é uma pedra separada do resto e tão profusamente lavrada e de tal sorte que parece pertencer á epocha da decadencia da arte, posterior aos Antoninos. Na face esquerda estão esculpidas duas *pateras* e um *guttus*, e na face lateral direita ou opposta á primeira um *codex*, um *stylus*, e um *liber*. «Todas estas esculpturas, diz o sr. J. C. Ayres de Campos, indicam que pertencera ao collegio dos sacerdotes e á ordem dos Scribas esse Caio Julio Materno, a cuja memoria levantaram este monumento suas filhas Bovia Materna e Julia Maxima, e o seu liberto Julio Dextro.»¹

Ha alguns annos appareceu na casa do fallecido medico Francisco Antonio de Mello, na rua das Fangas, outra lapide romana, cuja inscripção o sr. prior de S. Christovão me disse ter copiado. Infelizmente perderam-se tanto a lapide como a copia.

Todas as inscripções teem apparecido, por tanto, no castello e nas muralhas que cercavam a cidade, na Couraça de Lisboa e entre a rua das Fangas e a rua da Calçada. A existencia das lapides na muralha ou juncto d'ella explica-se facilmente. Nos ultimos tempos da dominação romana, o receio das invasões dos barbaros obrigava, ás vezes, de subito, á defender com solidos muros as cidades ameaçadas. Em similhante conjunctura os operarios lançavam mão dos materiaes que encontravam mais perto, não poupando nem templos, nem cemiterios. Em França, em quasi todas as cidades que conservam ainda restos das muralhas gallo-romanas, se encontram fustes, frisos, capiteis, tumulos e outras pedras esculpidas nos seculos II e III. São sobretudo notaveis os fragmentos achados em Dijon. Em Portugal guardam-se em Evora algumas lapides sepulchraes, achadas ha poucos annos na antiga muralha que circumdava a cidade. Já em 1711 no mesmo sitio, juncto da casa e igreja da Misericordia, tinham apparecido varias pedras lavradas e uma sepulchral (inedita) com os nomes de *Sextus Julivs Mastans* e de sua mãe *Julia Mansvetá*. Nas muralhas de Mertola, existem ainda, segundo ouvi, muitos marmores esculpidos da epocha romana. Algumas vezes parece terem conversado de proposito já na edade media nas portas e muralhas que então reedificavam esses fragmentos, expressivas testemunhas da civilisação que passara, havia muitos seculos. Assim aconteceu em Leiria, onde n'uma porta do castello se veem ainda embutidas algumas lapidas com inscripções romanas. Se não é impossivel, é, por tanto, pelo menos, improvavel que, em qualquer dos seculos passados, fossem a Condeixa a Velha, na distancia de duas leguas buscar lapides romanas para as collocar na muralha comnibricense ou nos seus alicerces.

¹ Veja-se o catalogo dos objectos existentes na collecção de archaeologia do Instituto de Coimbra, pelo sr. J. C. Ayres de Campos. No jornal o *Instituto* tom. XX, pag. 229.

Por outra parte, o ter havido um arco romano, juncto de uma das antigas portas de Coimbra, é prova incontestavel da existencia de uma povoação romana no logar que hoje occupa esta cidade. Para bem interpretar as poucas informações que do arco romano alguns auctores nos deixaram, importa remontar ao tempo em que escreveram, anterior á edificacão do convento da Estrella, que teve seu principio no anno de 1715.

No seculo XVII, apesar das muitas casas que tinham já construido por cima da muralha, (incrustações começadas no reinado de D. Manuel) era ainda facil descobri-la com suas portas e torres, e n'alguns sitios ainda com restos da barbacã, em quasi toda a extensão da cerca da cidade. Da porta de Almedina, que hoje conserva a sua feição medieval, seguia para o sul, entre a rua das Fangas e a rua da Calçada. Alem da Portagem e por cima da cadeia, hoje demolida, ficava a torre da Belcouce que os frades aproveitaram para fazer uma varanda contigua á sala principal do convento. Defendia esta torre a porta do mesmo nome, e logo adiante e acima da porta estava o arco romano, ao fundo da Couraça de Lisboa, juncto do sitio onde hoje vemos a capellinha de Santo Antonio. Tambem o arco se chamava de Santo Antonio, pela imagem que em um nicho tinha d'este Santo, a qual, depois da demolição, trasladaram para a capella proxima.¹ Coelho Gasco indica mui claramente a situação do arco romano. «Está levantado, diz, em um alto juncto ás casas do conde de Portalegre, que quem vem pela ponte logo o vê, e no fim da rua que se chama da Couraça.»² As casas do conde de Portalegre, D. Martinho de Mascarenhas, foram completamente transformadas quando se edificou o convento.³

O bispo de Segovia, D. Jeronymo de Mascarenhas tambem attesta a existencia do arco: «Porém das obras antigas que hoje se vêem n'estes muros, a mais digna de admiração e que denota melhor sua muita antiguidade é a de um arco quadrangular meio desfeito, que ainda hoje permanece no logar a que chamam couraça, obra assim por antiguidade como por architectura, verdadeiramente romana, e que não tem outra similhante em toda a circumferencia do muro, nem em outra alguma parte da cidade. É porque logo em si mostra ser fabrica romana e é obra de tanto preço para os que entendem d'ellas, leva atraz si os olhos dos que a vêem, principalmente dos que tem algum conhecimento de architectura, como são os italianos, artifices de similhantes obras, que, segundo a tradição antiga que n'esta cidade ha, tanto que olhavam para ella, diziam estas palavras *Bel cose*, donde ainda hoje aquella porta, onde está o arco, se chama, pouco corrupto o

¹ Sr. J. C. Ayres de Campos — *Instituto*, tom. XII, pag. 120.

² *Conquista, antiguidade e nobreza da mui insigne e inclita cidade de Coimbra*, pag. 150.

³ Sr. J. C. Ayres de Campos — *Indices e summarios dos livros e documentos mais antigos e importantes do archivo da camara municipal de Coimbra*, pag. 120.

vocabulo, a porta de *Belcouce*.» Pondo de parte a etymologia, comparavel a tantas outras que attestam a frivolidade dos escriptores e a ingenuidade dos leitores, vê-se que o arco de tal sorte correspondia ou se aproximava da porta de Belcouce, que vulgarmente se dizia *estar n'ella*.

Parece ter sido quadrangular a forma do arco. Gregorio Braunio no *Theatro das cidades*, lib. 3 n. 4 diz o citado D. Jeronymo Mascarenhas, fallando da cidade de Coimbra, chama a este arco: *Columnæ antiquæ romanorum*. E a razão é porque, depois de destruida esta obra, ficando o arco d'ella, se sustentava sómente em duas columnas, que antigamente era quadrado, e, como tal, se sustentava em quatro columnas, e as duas que hoje permanecem (que a terceira está mettida com as obras do muro, e a quarta foi totalmente tirada para que o caminho para o rio e para a ponte ficasse mais desafogado) são fabricadas de muitas pedras quadradas tão unidas entre si, e com tão boa ordem que escassamente poderá caber uma subtil faca por entre umas e outras.¹

D'onde se depreheende que o arco de cantaria estribar-se-hia primitivamente sobre quatro columnas. Que tinha frizos, nichos e amêas prova se como testemunho de Coelho Gasco. «É (o arco) de obra perfeitissima romana, tudo de pedraria, com suas columnas mui bem lavradas, com seus frizos; tem nichos como quem teve antigamente estatuas; remata-se com amêas; está já muito arruinado da idade; faltaram-lhe tres arcos, como se vê por suas ruinas.»²

Em vista do logar que o monumento occupava, acertado parecerá perguntar se com effeito seria um arco de triumpho, erguido para gloria de algum dos imperadores ou dos generaes romanos, ou se antes seria uma porta, como a de Marte em Reims ou a dos Borsari em Verona? Em favor d'esta ultima hypothese, que ninguem ainda apresentou, proporemos as razões seguintes: 1.^a Fosse qual fosse o genero do monumento, deveremos crer que não houve outro motivo para a escolha do sitio onde foi construido senão o ser a entrada principal da cidade para quem viesse da parte do sul. A forma da collina onde foi edificada a povoação que antecedeu a actual Coimbra deveu ter dado em todos os tempos uma directriz forçada ás muralhas que a defendessem, a qual corresponderia pouco mais ou menos á que ellas tinham na idade-media e os seus restos ainda hoje patentêam. Não haverá por tanto erro provavel em suppor que a porta de Belcouce fosse já em tempo dos romanos a entrada principal da cidade. 2.^a Não é crível que, se não houvera esta razão capital, escolhessem para levantar um arco ou outro monumento de sumptuosa fabrica o meio de uma ladeira, em que, nem da

parte do nascente, nem da parte do poente, nem ainda da parte do sueste se lhe poderia fazer praça por causa do grande declive da encosta. 3.^a As ameias que, diz Coelho Gasco, rematavam o arco, e que não podiam pertencer á construcção primitiva, ser-lhe-hiam accrescentadas na idade-media para defender melhor aquella passagem, um dos pontos por onde a cidade ficaria mais accessivel a quaesquer tropas sitiantes. 4.^a Finalmente a conservação do monumento até aos fins do seculo passado, em que foi demolido, explica-se muito melhor estando elle encaixado na muralha de que inteiramente desaffrontado n'um terreno em declive. Outro testemunho importante da existencia do arco romano está nas estampas que no seculo XVII appareceram da cidade de Coimbra em algumas obras estrangeiras. D'essas estampas deu curiosa noticia o sr. J. C. Ayres de Campos. «Em 1636 imprimiu Valekenier em Amsterdam, sob o titulo *Hispaniae et Lusitaniae Itinerarium*, um volume em 16 de 364 paginas, composto por Martim Zeiler, com vinte e tres gravuras das cidades e logares principaes da Peninsula. Procure-se n'esse livrinho, hoje raro, a estampa de Coimbra, marque-se n'ella a entrada da ponte e *largo da Portagem*, percorra-se o primeiro lanço da Couraça até á volta fronteira á *rua da Alegria*, alongue-se d'ahi a vista pelo segundo lanço, e será no topo d'elle, no ponto correspondente ao actual collegio da Estrella, que tres columnas se divisarão formando dois arcos, que o desenhador representou já ruinas e cobertos de vegetação.

«Se seria esse o arco romano de Gasco e Cação não o indica a estampa, nem o explica o texto, onde a descripção de Coimbra se reduz apenas a doze linhas. Essa omissão suppre-a, porém, uma outra gravura de maiores dimensões, que com muitas outras em dois volumes in-folio se publicou tambem em Amsterdam no anno de 1682. N'esta a forma do monumento e a sua classificação apparecem claras e expressas. No mesmo local da estampa do *Itinerarium* lá se conhecem distinctamente as mesmas tres columnas da ordem toscana asentes sobre os seus sóccos ou plintos, os mesmos arcos de volta circular, o mesmo aspecto de ruina e remota antiguidade de obra. Nas indicações e explicações, escriptas no fundo do quadro, dos logares e monumentos da cidade, lê-se com referencia a este em grifo intelligivel *Columnae antiquae Romanorum*.

«E as mesmas columnas, menos os dizeres, achamos tambem reproduzidas em outra estampa, copia provavelmente da precedente, no tomo 1.^o da volumosa collecção, que, com o titulo *Galerie agréable du monde*, publicou em Leiden Pedro Vander.»¹

Combinando as precedentes indicações bibliographicas com a citação que faz D. Jeronymo Mascarenhas, bispo de Segovia, de Gregorio Braunio, parece que o *Theatro das cidades*, seria obra anterior, d'onde a es-

¹ *Historia da cidade de Coimbra* por D. Jeronymo Mascarenhas, bispo de Segovia. (Fragmentos originaes de quinze capitulos) Codice CXII da bibliotheca publica de Evora.

² Op. cit.

⁴ Op. cit. pag. 150.

tampa com os dizeres ou sem elles seria reproduzida nas que depois se publicaram em Amsterdam e em Leyden.

No archivo municipal de Coimbra conservam-se alguns documentos do seculo XVIII com referencia ao arco da Estrella. Prova-se por um d'elles que, por ordem da camara, foi o arco demolido em 10 de junho de 1778, e vendida a pedra a Miguel Carlos por 30\$000 réis.¹

(Continúa)

A. FILIPPE SIMÕES.

ARCHITECTURA

Deparamos no jornal inglez d'architecture de 30 de julho do presente anno com um discurso do nosso confrade o professor Hayter Lewis's, pronunciado na associação dos architectos britannicos, que pelas suas judiciosas considerações nos parece será agradável aos nossos collegas ter d'elle conhecimento; extractando alguns dos seus mais importantes periodos:

Ensino que se deve dar aos estudantes de architectura

Ha alguns jovens architectos e entusiastas, considerando-se descendentes e hereditarios do genio artistico dos Giotto's, que, sem ter adquirido o tirocinio gradual da necessaria instrucção, aspiram a serem grandes artistas!

Nascidos com a sagrada flamma do amor da arte e ardentes da sua imaginação; julgam-se dotados n'estas condições, com os necessarios dons do talento: acreditam que o ensino, ou pelo menos, que uma educação systematica sem precisar mentor, será superior ao saber mediocre que poderiam adquirir.

Os architectos e artistas, ainda que n'um differente grau de perfeição da sua arte, nada teem a receiar de receberem os conhecimentos ensinados systematicamente e desenvolvidos nos seus diversos ramos. O unico defeito que devemos temer, é pelo contrario, que os diminutos e incompletos estudos, que os estudantes agora recebem, conforme o actual systema seguido, os habilitem unicamente para formar uma classe de copistas; sendo isto proveniente de não se lhes ministrarem solidos conhecimentos para a sua profissão.

Se os nossos jovens architectos tivessem estudos das sciencias e de litteratura, o que elles ignoram presentemente, então estariam habilitados a comprehender os mysterios da arte antiga, capazes de examinarem com veneração e proveito os monumentos, em lugar de gastarem a melhor parte da sua existencia em copiarem

desenhos e plantas. Que gloria teria sido para a geração dos architectos modernos se todos elles tivessem obtido serem graduados nas universidades? Poderiamos nos vangloriar que alguns dos nossos mais distintos artistas seriam eximios architectos como foram Leonardo Vinci, Miguel Angelo e Wrens.

Para pôr, pois, a questão sobre o seu verdadeiro ponto de vista, é preciso que o estudante architecto tome o seu lugar na sociedade com eguaes regalias como as que gosam os professores de jurisprudencia, de medicina e de theologia.

O joven architecto deve presentemente sentir, sem duvida, o acanhamento que soffre quando estiver na sociedade d'aquelles cuja cathegoria social, já pela riqueza, já por sua intelligencia e conhecimentos superiores, que são exigidos como requisitos essenciaes para serem n'ella considerados, ficar inferior em posição do medico ou do jurisconsulto: será na verdade conceder-lhes toda a preeminencia e consideração, que deviam partilhar.

Para se evitar esse vexame deve-se exigir que frequentem nas escolas superiores os estudos das linguas, e das sciencias para o novel architecto não se expôr ao embaraço de patentear perante a sociedade a sua falta de instrucção.

Quaes deverão ser, pois, as materias especiaes que o estudante tenha obrigação de aprender como supplementares aos seus conhecimentos artisticos ou conjuntamente com estes? É uma questão que, segundo nos parece, deve depender principalmente da inclinação do discipulo.

O saber e o desenhar, como condições exigidas, são dois essenciaes ramos, dos quaes se escolherá o que for mais preferivel; mas deixae ver primeiro qual convem á aptidão, conveniencia e á inclinação do discipulo. Nós dariamos de conselho que taes estudos especiaes fossem ensinados simultaneamente a pár da instrucção litteraria, de sorte que o discipulo podesse dedicar as suas faculdades áquelle estudo que mais proveitoso lhe fosse. Se o estudo experimental, como o da architectura e o das applicações praticas da mathematica á estabilidade das construcções e á força dos materiaes podesse ser ensinado logo que o estudante tivesse feito sufficiente progresso na instrucção litteraria, tanto melhor isso seria para o seu rapido desenvolvimento. Isto nos conduz á segunda divisão da nossa these. *Como deverá o joven architecto estudar.*

Está demonstrado que para se obterem uteis resultados, se poderá conseguir sómente de um bem combinado uso dos methodos demonstrativos e syntheticos de ensino, e nunca alcançados unicamente pelo resultado do ensino dogmatico.

É facto, que se ensina mais depressa por meio do preceito; e a melhor prova do seu util proveito está demonstrada pelo exercicio pratico dos estudantes e

¹ Instituto, tom. XII pag. 219.

nas visitas architecturaes das obras; o que será incompativel em escolas unicamente com o ensino technico.

Os estudos especiaes aprendidos nas academias devem ser continuados; mas sómente com explicações dadas pelos professores, serão muito insufficientes, até mesmo para aquelles discipulos que tiveram bastantes disposições para a arte.

As prelecções que se deveriam dar nas academias publicas, ou particulares, seriam vantajosamente utilizadas, porém com a obrigação de irem examinar as fundições de ferro, e as officinas de varias especies de obras; assim como os edificios em via de construcção, mas deveram ser sempre acompanhado de prelecções especiaes dadas pelo professor. N'estas prelecções se tomaria conhecimento das qualidades dos materiaes e do trabalho de mão d'obra; se comprehenderia completamente pelas experiencias, quaes os processos e methodos praticos, sendo explicados na presença das mesmas obras; tanto para a medição como para se conhecer a força e a resistencia das partes de que se compõe um edificio.

As observações do professor sobre o delinear e sobre o ensino artistico do estudante serão, estamos certos, abraçadas com attenção, quando elle empregar o seu criterio; assim como será da maior importancia o tirar *croquis* para habituar a vista, e enriquecer a imaginação.

O exercicio de fazer *croquis* architecturaes exige muito apurada correcção no contorno e na perspectiva, e o estudante deverá sempre empregar n'estes trabalhos todos os seus esforços, especialmente em observar com attenção as proporções do objecto a copiar; se deverá acostumar a fazer medições, e a figurar fielmente em determinados feitos todas as partes da construcção de qualquer edificio; tomando em devida conta as proporções d'ellas e comparando-as entre si. Taes exercicios lhe darão o habito de pensar, e lhe facilitaram grandemente na execução dos seus trabalhos.

Tudo o que o estudante precisa adquirir; como supplementar ao seu ensino official, será tornar-se bem aperfeiçoado no exercicio das projecções e no traçado de perspectiva; o que poucos professores se dão ao incommodo de ensinar aos seus discipulos; e depois de adquirirem estes indispensaveis conhecimentos, se occuparão do desenho de ornato.

Este nosso plano de estudos é importante para contrabalançar a demasiada inclinação para o desenho de figura — sendo tão tentador este estudo para os manebos que tiverem bastante habilidade para elle; — e é também para enriquecer as imaginações d'estes manebos, com todos os outros recursos para a sua profissão, a fim que possam exercitar as suas faculdades, em lugar de se inspirarem unicamente com a copia dos exemplos tirados das estampas: — é pois para

se obter tudo isto, que o plano geral do ensino artistico precisa receber o apoio d'aquelles, que seriamente queiram, seja esta profissão alguma cousa mais do que a simples especulação de uma só idéa.

Não quizeramos concluir estas considerações sem indicarmos o andamento necessario para o bom exito dos estudos architectonicos e os materias necessarias para se alcançar este util resultado; mas convem que rematemos as nossas observações dizendo simplesmente, que o ensino technico da — «Real Schulen» e da «Escola da Allemanha e da França,» são modelos que poderam servir para essa reforma.

CHRONICA

Recebemos do Instituto americano dos architectos de New-York o relatorio annual,¹ o qual consta de tres especiaes relatorios; os trabalhos do Instituto, as publicações, e o do thesoureiro; além d'estes ha mais sete dos Capitulos dos architectos nas cidades de Philadelphia, de Chicago, Cincinnati, Boston, Battimore, Albany e aquelle pertencente ao ensino dos noveis architectos.

O secretario da correspondencia estrangeira apresentou também o seu relatorio em referencia aos assumptos architectonicos com as associações dos outros paizes.

Foi lido um discurso historico do fallecido architecto Victor Baltard, membro honorario d'este Instituto.

Fizeram-se as novas eleições, tendo ficado reeleito o presidente Mr. Richard Upjohn, A. J. Bloor secretario, nossos socios correspondentes; H. A. Sims secretario da correspondencia estrangeira; thesoureiro R. G. Hatfield.

Elegeu-se o conselho, composto de quatro membros, além do presidente do Instituto; e a commissão directora do ensino composta de cinco membros.

O numero actual dos socios d'este Instituto é de 148, e membros honorarios ha 41, divididos pelas seguintes nações; americanos inglezes, 13; inglezes, 12; francezes, 8; austriacos, 2; grego, 1; suissos, 1; allemão 1; bavaro 1; portuguez, 1.

Os membros correspondentes são 42, pertencentes 40 aos Estados-Unidos; 1 á Suissa; e 1 a França.

* *

O commendador architecto Mr. Henrique Hubert e proprietario do jornal — *La Revue Nouvelle* — enviou á nossa associação alguns numeros d'esta publicação, e uma carta na qual nos pede uma noticia completa da

¹ O formato é em 4.º com 50 pag. e impresso em duas columnas.

fundação d'esta Real Associação; devendo também comprehender os seus trabalhos, o numero dos seus membros, a composição actual da mesa, com os retratos do presidente e dos secretarios, os nomes de todos os seus presidentes, e as recompensas que tem conferido, etc. O conselho facultativo annuiu a este desejo, agradecendo ao nosso confrade a delicadeza da sua lembrança.

* * *

O distincto archeologo Mr. J. De Baye descobriu nas grutas do Valle du *Petit-Morin* (Marne em França) algumas esculpturas do tempo primitivo da raça humana, achando-se em relevo toscas cabeças de passaros sobre corpos humanos; e parecendo ter querido imitar o môcho. Porem o que caracteriza sobre tudo a antiguidade d'este trabalho, é estarem flanqueadas estas esculpturas por machados (*haches*), um de cada lado, e mostrando como se encavavam na idade da pedra polida; assim como serem os objectos desenterrados do solo todos pertencentes a este periodo.

Ha uma cousa a notar, é que as figuras estão todas collocadas do lado direito da entrada das grutas, sendo estas compostas de carbonato de cal: (cretacios).

Os membros da sociedade franceza d'archeologia, que no seu 72º congresso se reuniram n'este mez em Châlon-sur-Marne, irão depois examinar esta interessante descoberta, e deve-se esperar que confirmem a a opinião do infatigavel investigador, que tantas provas já tem dado do seu amor pelas descobertas pre-historicas.

* * *

O digno socio correspondente o sr. Doutor Augusto Cezar da Silva Matta mandou para o museu uma lapida com uma inscripção do anno de 1091, que pertenceu a um antiquissimo edificio que fôra demolido em Porto de Moz: o que indica haver já no tempo de D. Affonso VI de Castella e Leão, e pela epocha do casamento do conde D. Henrique com D. Thereza, existido povoação na Estremadura.

Veiu esta rarissima e bem conservada inscripção enriquecer a collecção epigraphica do museu dos architectos. O mesmo socio obteve que um portal gothico da igreja de S.^{ta} Maria, que a Camara Municipal mandou arrazar para augmentar o cemiterio, fosse aproveitado para o mesmo cemiterio; tendo nós recommendado ao nosso digno correspondente, que no mesmo portal ficasse patente a noticia a que edificio havia pertencido.

Do seu zelo pelas nossas antiguidades que lhe merecem tanta attenção, devemos esperar outros assigna lados serviços feitos á sciencia e ao paiz.

* * *

O jornal inglez d'architectura n.º 1072 de 23 de julho do presente anno, na pag. 99, dá a noticia de estar

exposto no museu do Carmo o sarcophago que pertenceu a el-rei D. Fernando I, gabando a perfeição e a riqueza das esculpturas; reputando-o ser um dos melhores especimens dos tumulos do seculo XIV que existem em Portugal.

* * *

O antigo mostrador em azulejos do relógio que ha tantos annos occupava uma das janellas do sul da entrada transversal da afamada igreja dos Jeronymos em Belem, foi ultimamente demolido aos bocados e os fragmentos lançados ao monturo; dois amadores de antiguidades e das gloriosas recordações dos portuguezes, apanharam do chão uns fragmentos d'estes antigos azuleijos, e os vieram depositar no modesto museu archeologico que serve não obstante de refugio contra o vandalismo, ainda que considerado por alguns da *nossa terra* como deposito de insignificantes bagatellas.

* * *

Nas novas excavações emprendidas no antigo *Dipyton* em Athenas se descobriu os alicerces d'um edificio antigo da época de Mithridates, e 50 medalhas de prata da mesma época; entre as quaes algumas raras e de grande valor.

* * *

Vai-se estabelecer, por iniciativa particular, nas capitaes de França e da Belgica *uma exposição permanente de materiaes para construcções de todos os paizes*, com uma noticia explicativa e os seus respectivos preços.¹

O aluguer por anno d'um metro quadrado de superficie será de 4\$500 reis. Haverá um jury, e serão distribuidas medalhas aos expositores.

* * *

Appareceu agora um convite nos jornaes francezes do architecto Mr. Preur, que julgamos curioso reproduzir: *São convidados os architectos e esculptores que tomaram parte no concurso internacional em 1864 promovido pelo governo portuguez, afim de se erigir um monumento á gloria de S. M. I. e R. D. Pedro IV, para que remetam os seus nomes, moradas, o numero e a epigraphe dos seus projectos, com a direcção para a rua de Lille, 25, á Paris.*

* * *

O nosso bom amigo o cavalheiro Hooft Van Iddeking, director do museu de Numismatica de Leyde (Hollanda), mimoseou-nos com uma collecção rara de

¹ Nos n.ºs 2 e 10 da 1.^a serie de 1865, a 1867; e no 4.º numero da 2.^a serie de 1875; do Boletim d'esta associação se publicaram os mappas das amostras dos materiaes das provincias de Portugal, os quaes estão expostos no museu do Carmo, com uma noticia explicativa e os seus respectivos preços.

modelos de medalhas; algumas portuguezas que não foram publicadas na obra de Manuel Bernardes Lopes Fernandes; outras são de moedas Brasilo-Hollandezas, e são extremamente raras mesmo na Hollanda: as quaes estão expostas na vetrina B na 2.^a capella do lado do norte, no museu do Carmo.

Foi dadiva de subido valor para qualquer collecção estrangeira, e muito mais apreciavel para nós, pois que se refere á historia do nosso paiz: muitos louvores e agradecimentos damos ao distincto sabio neerlandez pelo testemunho de sua verdadeira estima e pela bizzarria do seu offerecimento.

* * *

Nas contrucções a *prova de fogo*, se empregam columnas de ferro cuado afim de seivirem de prumos em logar de vigas, evitando-se assim um elemento aos incendios; porém sobre a acção do calor, ellas perdem muito da sua resistencia; e muitas vezes cedem sobre o pezo que supportam: se repentinamente experimentarem um esfriamento produzido pelo jacto da agulheta de uma bomba, é isso sufficiente para ellas estalarem aos bocados e causar a ruina da construcção.

Para remediar a este grave inconveniente, um americano inglez Mr. George Bruce, recebeu patente de invenção em New-York, mettendo as columnas dentro de cylindros tambem de ferro cuado, com paredes delgadas, enchendo o entrevallo que separa as mesmas columnas com gesso, ou materia á conductora do calorico, e por este meio simples se obtem construcções que poderão resistir á violencia do fogo.

* * *

O Sr. Raphael Zacharias da Costa, foi agraciado por S. M. el-rei o Senhor D. Luiz com o grau de cavalleiro da ordem de merito scientifico de S. Thiago, em testemunho publico pela sua habil execução da celebre *faca de mallo*. Damos parabens a nosso consocio pela merecida mercè que recebeu do soberano; e tendo sido esta Real Associação quem lhe deu o primeiro testemunho publico pelo seu merecimento artistico, nomeando-o socio honorario; muito folgamos que elle fosse reconhecido por uma maneira tão distincta.

J. DA SILVA

PUBLICAÇÕES OFFERECIDAS

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES
durante o 1.^o semestre do presente anno

La biographie du docteur Jacques Baart De la Faille, numismate distingué des Pays-Bas, par Mr. Hooft van Iddekinge — Leyde —

Nehalennia Attaar, onlangs te domburg ont deter, & C. Leemans Amsterdam —

Bulletino di archeologia christiana del Commendatore Giovanni Battista De Rossi, Roma, 1874.

Monnaie d'un Seigneur De Cunre, par le Directeur du Musée numismatique de Leyde, Hooft van Iddekinge.

Groninger en Ommelander Praest entiepsenningen, door Hooft van Iddekinge, Groningen.

Les gros au type du chevalier, par Hooft van Iddekinge, Leyde.

Études Numismatiques, par Hooft van Iddekinge, Bruxelles, 1874.

Afbeelding van Onde Bastaande Gebenwen, Bevatende Vigf Platão n.º 84 — 88, — Amsterdam, 1874, inp.

Bouwkandige Bijdragen, Vierde Staek, Plant. n.º 7-8, Amsterdam, 1874.

Mr. De Caumont, sa vie et ses œuvres, par le Conseiller Mr. E. De Robillard De Beaurepaire, Caen, 1874.

Société des architectes du Département du Nord, Bulletin n.º 3, Lille, 1874.

Maatschappij For Bevardering der Bouwkunst, Gehonden te Amsterdam in het Park, ops 27 en 28 Mei 1874.

Portugal Antigo e Moderno, Dicionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, 4 volumes, em 4.^o pelo socio sr. Augusto Soares d'Azevedo B. do Pinho Leal.

Bouwkundige Bijdragen, Een-en-Tevtingste Deel, Vierde Thuk, Amsterdam, 1874

Dicionario chorographico de Portugal pelo socio E. A. Bettencourt; Porto, 1873.

Thesouros d'Arte, por Luciano Cordeiro, Lisboa 1873.

Annales de la Société Centrale des Architectes, par M. Paul Sédille, Paris, 1873.

Bulletin de la Société archéologique du Midi de la France, Toulouse, 1873.

Viagens: Hespanha, França e Viagens: França, Baviera, Austria e Italia por Luciano Cordeiro, Lisboa, 1873.

Bulletino di Archeologia Christiana, del Commendatore Giovanni Battista De Rossi, Roma, 1873.

Proceedings of the Eighth Annual Convention of the American Institute of architects, New York, 1873.

Afbeeldingen van Crede Bertaande Gaboreven bevattende Vijf Platen 89-91, Amsterdam, 1873.

Revue Scientifique pour l'histoire de l'homme, par Mr. Casallis De Fondue, Toulouse, 1873.

Excursion em Poitou — par Mr. F. Cougny.